

# O TRAUMÁTICO DO SONHO E SEU DESPERTAR RELACIONADO AO HORROR DO CONTO FANTÁSTICO, TIQUÊ E OBJETO DO DESEJO DO OUTRO

*Data de aceite: 02/06/2023*

**Claudia Rodrigues Pádua Salgado  
Beato**

Universidade de Brasília - UnB, PPGsiCC  
Brasília - DF  
<https://lattes.cnpq.br/9121611821841496>

**Daniela Scheinkman Chatelard**

Universidade de Brasília - UnB, PPGsiCC  
Brasília - DF  
<https://lattes.cnpq.br/3630980140600543>

**RESUMO:** O sujeito repete de forma tão contínua quanto desconhecida a maneira pela qual ele responde àquilo que se inscreve como traumático, tal como Freud situa o real do trauma em 1920. Esse excesso que lhe escapa coloca-se como uma repetição incessante do impossível de ser representado pela via da linguagem, trata-se do real como encontro faltoso, nomeado como tiquê por Lacan em 1964. A partir dessas referências freudianas sobre o real do trauma na obra lacaniana, objetivamos traçar uma possível analogia entre os sonhos traumáticos, os sonhos de angústia e o horror causado no leitor de Contos Fantásticos, bem como analisar o ponto em que o escritor de conto fantástico procura criar o horror causando uma

incerteza intelectual naquele que lê, não sabendo se está diante do real ou de uma ficção. Este trabalho teórico com intuito investigativo é de referencial psicanalítico e toma como objeto uma leitura de alguns conceitos na obra freudiana e lacaniana, como traumático, grafo do desejo e objeto do desejo do Outro. Pretendemos trazer como ilustração a comparação dos conceitos de sonho do filho em chamas em A interpretação dos sonhos, de Freud, e o de Conto fantástico de Hoffmann, o Homem da Areia. Como resultado, podemos concluir que tanto esse exemplo como a estrutura narrativa do Conto fantástico de Hoffmann podem demonstrar o estranhamento do sujeito como objeto do desejo do Outro, do encontro faltoso, do espanto e a possibilidade de apresentação da outra cena, do nosso inconsciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sonho. Fantástico. Horror.

THE TRAUMATIC DREAM AND ITS  
AWAKENING RELATED TO THE  
HORROR OF THE FANTASTIC TALE,  
TIQUE AND OBJECT OF DESIRE OF  
THE OTHER

**ABSTRACT:** The subject repeats as continuous as unknown the way in which it

responds to what is inscribed as traumatic, just as Freud situates the real of trauma in 1920. This excess that escapes him presents itself as an incessant repetition of the impossible to be represented. through language, it is about the real as a missing encounter, named as *tique* by Lacan in 1964. From these Freudian references about the real of trauma in the Lacanian work, we aim to draw a possible analogy between traumatic dreams, dreams of anguish and the horror caused in the reader of *Fantastic Tales*, as well as analyzing the point at which the fantastic tale writer seeks to create horror by causing intellectual uncertainty in the reader, not knowing whether he is facing reality or fiction. This theoretical work with an investigative purpose is psychoanalytical and takes as its object a reading of some concepts in the Freudian and Lacanian work as traumatic, graph of desire and object of the Other's desire. We intend to illustrate with the dream of the burning son in Freud's *Interpretation of Dreams* and with the Fantastic Tale *The Sand Man*. As a result, we can conclude that both this example and the narrative structure of the Fantastic Tale of Hoffmann can demonstrate the estrangement of the subject as an object of the Other's desire, of the missing encounter, of the astonishment and possibility of presenting the other scene, of our unconscious.

**KEYWORDS:** Dream. Fantastic. Horror.

## 1 | INTRODUÇÃO

Bokanowski (2005) desenvolve um trabalho sobre as variações do conceito de traumatismo: traumatismo, traumático, trauma. O traumático, segundo o autor, tem uma conotação econômica, que foi elaborada por Freud no seu *Além do princípio do prazer*, por meio das neuroses traumáticas ou pelas neuroses de guerra. De acordo com Bokanowski (2005, p. 31): “o funcionamento traumático tem como característica uma visão anti-traumática, enquanto, ao mesmo tempo, repete o traumático: uma luta contra ‘terror’ (*Schereck*) repetindo o ‘terror’(...)”. Esse caráter repetitivo no psiquismo abriga sempre algo que sobra e resta de maneira não representada e persistente na mente do indivíduo por diversas maneiras, onde os sonhos podem ser uma de suas formas de expressão.

Segundo Freud (1900/2019), os sonhos são considerados preciosidades para a psicanálise, pois nos permitem entrarmos em contato direto com uma outra cena, com o nosso inconsciente. De acordo com Freud, “... é um ato psíquico de pleno valor; sua força motriz é sempre um desejo a ser realizado” (FREUD, 1900/2019, p. 583), e essa conclusão foi fruto de sua exaustiva dedicação ao trabalho de um livro sobre os sonhos, *A interpretação dos sonhos*, em 1900. Freud percebeu, em suas investigações, que existiam sonhos que atravessados pelo traumático enquanto sonhos de angústia relatados pelos pacientes, sonhos absurdos e bizarros que não deixariam de ser considerados como realização de desejo. Segundo ele, diversas manifestações poderiam influenciar a formação desses sonhos, tais como a condensação do material do psiquismo, sua representatividade em imagens sensoriais etc.

Uma outra vertente para a explicação desses sonhos de angústia atravessados pelo traumático pode ser encontrada em 1920, no *Além do Princípio do Prazer*, com o

caráter repetitivo dos sonhos através de cenas de sofrimento, a revivescência dessas situações traumáticas, tais como os casos de neuroses de guerra que foram pesquisados por Freud. A angústia, posta em evidência, torna-se um dos elementos presentes nesses sonhos traumáticos. E o que nos interessa investigar no presente trabalho é pensar o intervalo entre esses sonhos de angústia e o despertar do sonhador, o sentimento de angústia provocado nesse momento entre o sujeito que sonha e seu estado desperto, podendo causar estranhamento e horror àquele que sonhou, como sendo análogo ao horror provocado pelos contos fantásticos.

O motivo pelo qual buscaremos essa analogia é porque Freud explorou o campo literário para buscar compreender mais sobre o inconsciente e seus modos de funcionamento. Além disso, nos deixou um belo legado da interlocução entre os campos literário e psicanalítico, inovando no universo científico. Encontramos diversas referências ficcionais e míticas da escrita literária que são tomadas na obra freudiana para poder dizer sobre o inconsciente, sobre o estranho e o estrangeiro em cada um de nós, marcando, com isso, a revolucionária ruptura no pensamento cartesiano, desalojando o Eu como condutor do pensamento e da existência humana.

Para isso, gostaríamos de levantar algumas hipóteses para o presente trabalho. Será que podemos considerar os sonhos traumáticos, os sonhos de angústia entre o sonho e o despertar ilustrado pelo sonho do filho em chamas, como semelhantes à estrutura narrativa do conto fantástico na literatura? O entre o real e a ficção – ou seja, esse intervalo de alguma maneira poderia nos dar indícios do que há por trás, uma outra cena? O que faz com que o sujeito queira prolongar tanto sua credibilidade na ficção como permanecer sonhando para não ter que se haver com o real traumático e o despertar?

Primeiramente, faremos uma apresentação do sonho do filho em chamas em *A interpretação dos sonhos* de Freud para, em seguida, caminharmos pela literatura fantástica. Descreveremos, de forma abreviada, sua estrutura narrativa nos *Contos fantásticos* e tentaremos buscar nessa fonte o caminho pelo qual Freud privilegiara os contos de horror para fundamentar seu fenômeno do *Unheimliche* (infamiliar), que nos gera angústia. Segundo Freud (1919/2019), esse fenômeno é relativo àquilo que está mais oculto, nas profundezas de nossas mentes retornando em forma de um estranhamento, que nada mais nos é do que algo familiar. No entanto, pretendemos demonstrar como essa infamiliaridade conjuntamente à sua dimensão traumática pode apresentar sua possível semelhança à estrutura narrativa dos contos fantásticos, como ponto de encontro do real faltoso, da tiquê, lugar em que o sujeito se depara como objeto do desejo do Outro, que desenvolveremos melhor ilustrando com a metáfora do louva-a-Deus desenvolvida por Lacan em 1964.

Convido-os, no entanto, a aproximarmos, a caminharmos com Freud sobre esse tema dos sonhos traumáticos, sonhos de angústia relacionados ao horror na literatura, a tentar compreender como esse terreno da literatura fantástica nos foi tão profícuo e que

poderá nos transportar ao seu cerne, ao encontro com o real, o ponto faltoso, a tiquê.

## 2 | O HORROR DOS SONHOS TRAUMÁTICOS RELACIONADOS AO HORROR DOS CONTOS FANTÁSTICOS

Para que possamos discorrer sobre a dimensão do horror e do real presentificado nos Contos fantásticos, aproveitemos para trazer um sonho que abre o Capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (FREUD, 1900/2019), o qual poderá nos permitir fazer uma analogia com o horror nesses contos fantásticos:

Um pai passou dias e noites à cabeceira do filho doente. Depois que a criança morre, ele vai para um quarto vizinho, a fim de descansar, mas deixa a porta aberta, para ver o aposento onde jaz o corpo do filho, cercado de velas altas. Um homem idoso foi encarregado de vigília e está sentado junto ao corpo, murmurando orações. Após algumas horas de sono, o pai sonha que o filho está em pé ao lado de sua cama, que o agarra pelos braços e sussurra em tom de repreensão: "Pai, você não vê que estou queimando?". Ele acorda e vê um brilho forte vindo do quarto do filho, corre até lá e encontra o vigia idoso adormecido, a mortalha e um braço do corpo amado do filho queimados por uma vela que caíra. (FREUD, 1900/2019, p. 558)

De acordo com Freud (1900/2019), se o sonho é a realização de desejo, o que poderíamos pensar desse sonho de angústia? No intervalo entre o dormir e o despertar, temos um retorno à realidade, à consciência, algo faz com que o pai se depare com o real da situação, as chamadas e a percepção da realidade. Um velho que estava encarregado por essa vigília e algo que faz furo no real, o inconsciente, se apresenta sem qualquer possibilidade de representação. E é justamente nesse ponto sem representação nenhuma, sem inscrição, que o inconsciente se desponta e que podemos encontrar e fazer uma analogia ao intervalo entre o real e a ficção, despertador de horror e angústia nos Contos Fantásticos que desdobraremos a seguir. Ao descrevermos a estrutura narrativa dos Contos Fantásticos pretendemos demonstrar um mesmo funcionamento, a apresentação de uma outra cena, sem representação alguma. É isto que nos interessa neste trabalho, descrever sobre essa dimensão da não representação, do horror que causa ao leitor no conto fantástico, enquanto objeto do desejo do Outro.

Prossigamos, agora, à uma tentativa de definição do conceito de literatura fantástica, no qual nos fundamentaremos nos escritos de Todorov (1939/2010), um dos precursores dos estudos críticos aprofundados sobre o gênero da literatura fantástica, destacando-o na discussão teórica da contemporaneidade. De acordo com Todorov, não tem como realizar uma conceituação da literatura fantástica sem realizar um aprofundamento dos seus temas que se articulam em forma de uma rede, tais como a interação com o mundo, a questão da percepção, do olhar, a implicação com o outro, o inconsciente e a relação com a linguagem, o que, por sua vez, caminha na mesma direção do propósito freudiano, o qual pretendemos aproximar desses pontos em comum no presente estudo.

Para Todorov (1939/2010), a narrativa fantástica provoca uma lacuna em nosso mundo, de algum fato que não pode ser explicado racionalmente pelas leis da natureza, causando um sentimento de hesitação no leitor. Isso faz com que o autor considere a ficção mais destacada em relação ao racional, o que implica numa maior interação do leitor com o universo das personagens, tomando-as como existentes. Para ele, o fantástico, embora articulado ao irreal e ao sobrenatural, não deixa de estar relacionado à realidade, à uma representação do real, pois todo texto literário toma como ponto de partida a realidade. Ao longo de toda sua obra, podemos perceber Todorov construir o caminho estrutural da narrativa fantástica com a ficção, mas conectada com a realidade. Segundo o autor, quanto mais intensamente for descrita a realidade, maior a possibilidade de horror da ficção para o leitor.

Segundo Todorov (1939/2008), essa ambiguidade, essa incerteza se é realidade ou ficção, verdade ou ilusão, nos convida ao cerne do fantástico, abandonando o mundo que conhecemos, sem anjos, demônios ou monstros. Segundo o autor, caso façamos escolha por uma ou outra opção, adentramos em um reino vizinho, ou do estranho ou do maravilhoso. A primeira opção é quando nos deparamos com elementos da ordem do irreal, do estranho ou da fantasia. Esse gênero literário costumeiramente apresenta elementos não humanos com personalidade, falantes e, muitas vezes, com sentimentos semelhantes aos das pessoas, podendo provocar estranhamento no leitor. Já a segunda opção está relacionada à dúvida de quando não conhecemos as leis naturais e nos deparamos com elementos inexplicáveis.

Antes mesmo de prosseguirmos, seria pertinente trazermos a definição do termo fantástico que caminha nessa direção, segundo Rodrigues (1988):

O termo *fantástico* (do latim *phantasticu*, por sua vez do grego *phantastikós*, os dois oriundos de *phantasia*) refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso. Aplica-se, portanto, melhor a um fenômeno de caráter artístico, como é a literatura, cujo universo é sempre ficcional por excelência, por mais que se queira aproximá-la do real (RODRIGUES, 1988, p. 9).

Vimos que o termo fantástico é oriundo de *phantasia*, fantasia. No entanto, podemos aqui recorrer ao texto freudiano *O poeta e o fantasiar* (1908/2015), no qual o autor vai nos dizer que a fantasia é a essência, o material de trabalho do poeta literário. Tragamos, então, a fantasia para o cerne de nossas discussões, nas quais consideramos o que Rabinovich (2009) nos esclarece quando aponta que a estrutura de ficção da fantasia, de um faz de conta e de um disfarce, faz tela para o sujeito frente à sua relação com o desejo do Outro. Quando a fantasia falta por algum momento, o sujeito está diante do *Unheimlich*, do estranhamento. Ele se vê nesse instante de angústia, pois, para a autora, toda a ficção de horror na literatura fantástica está centrada nesta passagem em que o sujeito se encontra sem correspondência especular e então se depara como o objeto em que se transforma

para o desejo do Outro.

Diante disso, para que possamos avançar mais em nossa argumentação de que o horror nos contos fantásticos pode permitir ao sujeito estar frente ao irrepresentável, nesse lugar da coisa como coisa, no lugar de objeto, de resto, convidamos para que caminhemos nesse reino e que possamos compreender melhor sobre esse lugar ou esse instante em que o sujeito se depara como objeto do desejo do Outro, lugar em que a fantasia vacila e a angústia se irrompe.

De acordo com Lacan (1958-1959/2016) distribuir e construir um grafo em dois patamares, possivelmente, nos permitirá compreender de forma prática o que estiver relacionado à estrutura do sujeito e sua relação com o significante, com a sua fantasia, palavra oriunda do termo fantástico. Isso poderá nos facilitar no entendimento e relação com o que pretendemos desenvolver sobre esse lugar do horror nos contos fantásticos.

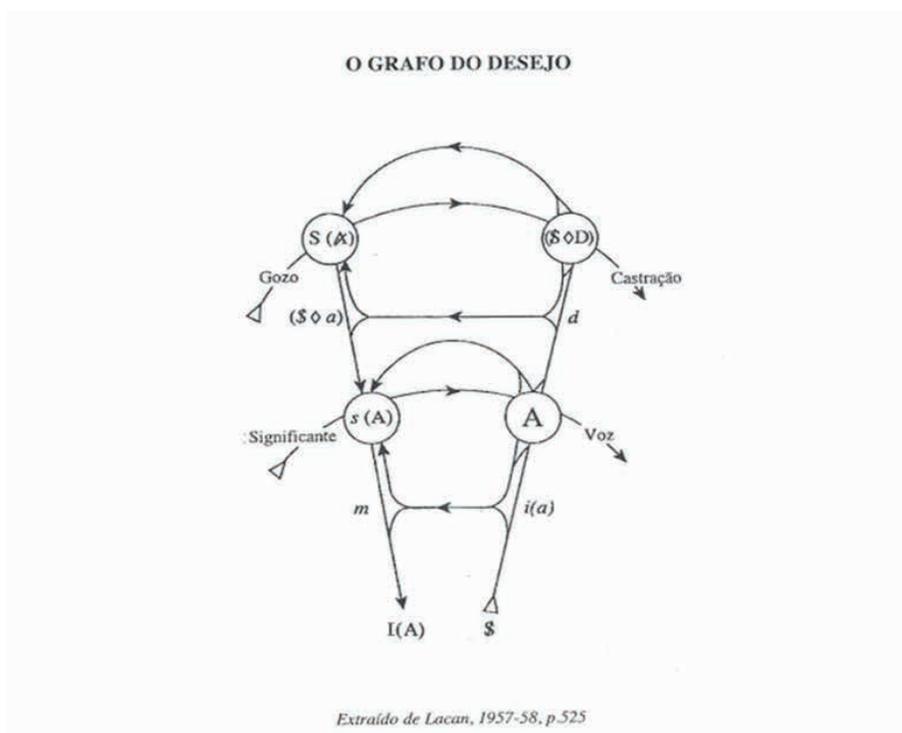


Figura 1 do Grafo

Para Lacan (1958-1959/2016), o grafo, embora esteja representado topologicamente e disposto em patamar superior ou inferior, tem como intuito demonstrar que esses dois patamares estão articulados e relacionados entre si, de maneira que um patamar seja a continuidade do outro e representados pela fala e implicação do sujeito em forma de um discurso. Para o autor, o ponto inicial, à direita do grafo, se dá por um  $\Delta$ , o sujeito localizado

em sua posição de necessidade e demanda, como um primeiro momento em que podemos ter notícias sobre o sujeito e sua existência no mundo.

Segundo Lacan (1958-1959/2016), o grafo parte de quatro pontos,  $\Delta$ , A, D, d: referindo-se à intencionalidade do sujeito [ $\Delta$ ], o sujeito enquanto eu falante [A], o campo da demanda [D] e [d] o campo do desejo distribuídos em dois patamares. Para tanto, de acordo com Lacan, esse primeiro patamar relacionado ao campo da necessidade e da demanda do sujeito em sua relação com o Outro está representado pela linha contínua de D a S, onde podemos visualizar s (A) em direção a A. Para o autor, o A é grande Outro, o lugar do código, relacionado ao lugar das referências que o sujeito recebe desde quando nasce e que se inscrevem, marcando em forma de uma chuva de significantes, o corpo do sujeito.

Poderíamos supor uma correlação desse primeiro momento em que Lacan afirma quando esse sujeito ainda não é falante com a ‘experiência de satisfação’, nomeada por Freud (1950[1895]/1987). Podemos dizer que nessa experiência, o bebê, inicialmente, situa-se como um objeto de que esse Outro possa lhe complementar, supondo ser esse Outro potente, capaz de satisfazer sua falta, necessitando ser por ele ser falado, ser nomeado em sua existência. Podemos localizar esse momento da experiência de satisfação no primeiro patamar, pois o sujeito ainda está localizado no campo da necessidade e da demanda. Mas quando não atendida sua necessidade, sua demanda, o bebê passam a alucinar e ao se deparar com um objeto para sempre faltante e perdido, o relançariamos ao segundo patamar, que vai dizer de outra coisa e momento constitutivo do sujeito.

De acordo com Lacan (1958-1959/2016), nesse segundo patamar, frente a essa inconsistência vinda do Outro, o sujeito se depara com a uma falta de significante do Outro representado pelo S ( $\text{\AA}$ ). Há uma não correspondência em suas necessidades e demandas, pois a esse Outro também falta, constituindo, com isso, um ponto de guinada para o sujeito, pois existe uma mudança de discurso e posição nessa passagem. Em \$ punção de D - \$  $\diamond$  D, o sujeito passa a falar de si e por si mesmo, o qual assume o seu ato de falar enquanto eu, um sujeito falante, e deixa de ser falado pelo Outro, podendo entrar ou fazer essa sua passagem para um universo simbólico, pois inaugura-se, neste momento, a entrada do “*Che vuoi?*” “Que queres?”, um questionamento do Outro, que por muitas vezes lhe é desconhecido, que causa angústia, e a fantasia pode ocupar uma função fundamental como anteparo e recobrimento dessa falta, como uma construção a esse vazio de resposta, a esse enigma colocado ao sujeito, por estar situada mais além da fala. Esse momento pode ser visualizado na linha contínua do segundo patamar S ( $\text{\AA}$ ), significante da falta no Outro em direção \$  $\diamond$  D.

Segundo Lacan (1958-1959/2016), a fantasia do sujeito é fundamental à sua constituição psíquica, pois ela pode fazer tela para lidar com o Real frente à falta do Outro, representada pela fórmula da fantasia - \$ punção de a (objeto perdido) - \$  $\diamond$  a, e depois a localizada no grafo do desejo. O sujeito faz algo com essa situação de desamparo, pois

caso contrário estaria frente à angústia de forma contínua. A fantasia vai lhe possibilitando de construir uma história e enredo familiar como tela de proteção à angústia. Segundo Jorge (2010, p. 240), “se o desejo é falta enquanto tal, a fantasia é o que sustenta essa falta radical ao mesmo tempo em que indica ilusoriamente ‘o que falta’. Há falta, diz o desejo. É isso que falta, diz a fantasia.” Podemos dizer que essa roupagem é esse véu que vela, que o estrutura nas suas relações com os semelhantes. Vale destacar que o que nos importa na presente pesquisa é justamente esse momento em que a fantasia falha, que o véu cai e o sujeito se depara com a angústia de estar como objeto do desejo do Outro, lugar do horror nos contos fantásticos. É esse lugar entre o real e a ficção que destacamos como semelhante ao ponto de angústia e horror provocado entre o sonho e o despertar.

Essa representação do *Che vuoi?* no grafo do desejo ilustra perfeitamente esse momento em que o sujeito se encontra frente à falta do Outro. Esse momento de rompimento especular de suas fantasias é também um momento em que a angústia entra em cena, e a metáfora do louva-a-Deus utilizada por Lacan (1962-1963/2005) é uma ilustração apropriada. O autor nos convoca a imaginar uma cena em que um sujeito possa colocar uma máscara de um inseto, de um louva-a-Deus, frente a um outro louva-a-Deus enorme. Caso seja uma fêmea o inseto enorme e o mascarado possa ser tomado como macho, poderá devorá-lo, pois no reino animal as louva-a-Deus fêmeas, após seu ato de copulação sexual, costumam devorar os louva-a-Deus machos.

Essa experiência, segundo Lacan (1962-1963/2005), traz angústia àquele que se coloca frente a esse enorme louva-a-Deus, pois não se sabe o que ele poderia querer desse que está mascarado. Para o autor, o sujeito poderia ser colocado, nesse momento, como objeto do desejo desse Outro, correndo risco constante de ser devorado (SOLER, 2012). Um outro fato a ser destacado é que essa experiência acontece a nível escópico, o inseto louva-a-Deus é o único inseto com visão multifacetada, de forma que quem está a sua frente não sabe para onde essa louva-a-Deus fêmea está olhando, deixando esse objeto que é o sujeito em um lugar de incógnita e desconhecimento. Essa experiência pode nos remeter à experiência de satisfação, do olhar da mãe a seu objeto, o sujeito bebê. É um olhar, que por mais que satisfaça as necessidades do bebê, fome, frio, colo, o relança ao campo da demanda e do desejo, ao lugar do desamparo e da angústia, “*Que quieres?*”, colocando em evidência o que Lacan vai nos dizer: “O desejo do homem é o desejo do Outro” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 31). Como esse Outro está marcado por uma falta, por um furo, por um significante da falta do Outro S (A), o sujeito bebê é convocado ao seu lugar desejante, sua fantasia faz furo em forma de angústia, ao seu *unheimlich*, ao seu estranhamento.

A máscara do louva-a-Deus pode ser pensada como a fantasia, como a mediatização entre o sujeito e o Outro, que não o coloca direto e frente-a-frente ao inseto enorme. Essa máscara o vela, como o lugar da fantasia que há pouco vimos, como tela para a angústia, e talvez possamos transpor para o contexto dos contos fantásticos, nos quais a estrutura

narrativa transita entre o real e a ficção, a verdade e a mentira, desvelando, com isso, o ponto de angústia, e se deparando com o real, em um encontro com esse real, tiquê, segundo Lacan (1962-1963/2005, p. 59).

A ficção não só demonstra melhor o *Unheimlich*, como permite ver nele a função da fantasia. A literatura fantástica mostra a estrutura de ficção da fantasia – é uma literatura que progride até culminar no instante de ver em sua articulação com a fantasia. Essa é a forma de literatura que mais explora a cena fantasística quando escapa do “como se”, “quando perde a dimensão significativa que a protege pelo rodeio da metáfora” (RABINOVICH, 1993, p. 94).

Para Freud (1919/2019), em vários outros momentos na vida do personagem Nathaniel, do conto de Hoffmann *O Homem da Areia* - autor considerado destacável na literatura fantástica – conta a experiência com sua mãe na infância. Essa experiência diz de uma mãe ansiosa por colocar as crianças cedo na cama e uma babá dizendo que caso não obedecessem ao Homem da Areia, este surgiria para arrancar-lhes os olhos. Surgem outros personagens assustadores no conto como o Sr. Coppelius e Sr. Coppola, repetindo essa mesma experiência de angústia de Nathaniel frente ao seu complexo de castração. O investimento ficcional e a intensidade do limiar com algo de ordem real, pode causar e transferir angústia e horror ao leitor frente ao enigma de sua própria castração. A insistência em forma de uma ‘compulsão à repetição’ acontece no inconsciente pelo qual Freud (1920/1996) tenta mostrar por meio de várias manifestações. Para o autor, o que insiste e repete se coloca de forma estranha, mas ao mesmo tempo trata-se de algo de ordem familiar e conhecido, desalojando o sujeito de seu próprio ‘eu’, de sua própria casa (Freud, 1919/2019) e colocando-o frente ao que lhe escapa de seu domínio, diante do seu inconsciente.

O terror do conto nos relança ao *que queres tu de mim?* colocando-nos em contato direto com a experiência do desamparo e da angústia. Tal como a experiência do grafo do desejo (LACAN, 1962-1963/2005) mostrado, há uma passagem do 1º para o 2º patamar, no qual o sujeito se depara primeiramente com o estado de angústia, por estar como objeto do gozo do Outro, diante de sua própria castração, mas também está atravessado por essa experiência inquietante e perturbadora quanto ao enigma do desejo do Outro “Que queres?”. Para se fazer reconhecer pelo outro, ele procura identificar-se pela linguagem, que o relançará ao lugar de perda como objeto, deixando de ser objeto, “através do reconhecimento do Outro, como sujeito humano” (RABINOVICH, 2009, p. 109).

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, nós, psicanalistas, podemos transpor o intervalo entre o sonho e o despertar e tomá-lo como análogo à estrutura narrativa dos contos fantásticos. Esse ponto de vacilação da fantasia, o entre o real e a ficção, essa incerteza se é realidade ou ficção,

nos conduz ao cerne do fantástico permitindo-nos deparar com o horror, o estranho, uma outra cena, o nosso inconsciente, o que pode nos levar a caminhar com Freud (1907/2015) quando diz que os poetas estão à frente dos psicanalistas no conhecimento da psique.

Podemos refletir um pouco no presente trabalho sobre esse “entre”, esse intervalo, essa hesitação causada no sujeito leitor entre o real e a ficção, desse lugar enquanto objeto do desejo do Outro, como ponto de angústia e vontade do sujeito querer continuar sonhando, onde de alguma maneira o filho lhe apresenta como vivo, para não ter que se deparar com o horror e angústia da perda do seu filho. Tanto o traumático do sonho, seu intervalo entre o sonho e o despertar, quanto o conto fantástico podem trazer notícias de nosso inconsciente, dos nossos mais profundos sentimentos e desejo enquanto humanos, caminho que pode nos causar horror e surpresa, mas que também pode trazer familiaridades, novas descobertas e revelações a respeito de nós mesmos.

## REFERÊNCIAS

BOKANOVSKI, T. Variações do conceito de traumatismo: traumatismo, traumático, trauma. **Revista brasileira de psicanálise**, n. 39, n. 1, p. 27-38, 2005.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. P.C. de Souza (Trad.) In: **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Originalmente publicado em 1900.

FREUD, S. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. Tradução: J. Salomão. In: **Obras completas de Sigmund Freud, volume IX**: Rio de Janeiro: Imago, 2019. Originalmente publicado em 1907 [1906].

FREUD, S. O poeta e o fantasiar. Arte, Literatura e os Artistas. Tradução: E. Chaves. In: **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Originalmente publicado em 1908.

FREUD, S. O Infamiliar (*Das Unheimliche*). Tradução: E. Chaves e P. H. Tavares. In: **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. Originalmente publicado em 1919.

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. Tradução: M. R. S. Moraes. In: **Obras incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Originalmente publicado em 1920.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. Publicações pré-psicanalíticas. Edição e Tradução: ABREU, J. O. In: **Obras completas de Sigmund Freud, volume I**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Originalmente publicado em 1950 [1895].

LACAN, J. **O seminário, livro 10**: A angústia. Tradução: V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Originalmente publicado em 1962 [1963].

LACAN, J. **O seminário, livro 6**. O desejo e sua interpretação. Tradução: C. Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. Originalmente publicado em 1958 [1959].

RABINOVICH, Diana S. **La angustia y el deseo del outro**. Buenos Aires: Manantial, 1993.

RABINOVICH, D. **O conceito de objeto na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

RODRIGUES, S. C. **O Fantástico**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SOLER **O inconsciente. Que é isso?** São Paulo: Anna Blume, 2012.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução: M. C. C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2010. Originalmente publicado em 1939.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução: L. Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2008. Originalmente publicado em 1939.